



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**JÚLIA DAPHINY OLIVEIRA PAULINO**

**UMA ABORDAGEM DE ORIENTAÇÃO SEXUAL  
COMO TEMA TRANSVERSAL**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2009**

**JÚLIA DAPHINY OLIVEIRA PAULINO**

**UMA ABORDAGEM DE ORIENTAÇÃO SEXUAL  
COMO TEMA TRANSVERSAL**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.**

**Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2009**



P328a Paulino, Júlia Daphiny Oliveira.  
Uma abordagem de orientação sexual como tema transversal / Júlia Daphiny Oliveira Paulino. - Cajazeiras, 2009.  
42f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Educação sexual. 2. Sexualidade e infância. 3. Relações de gênero. 4. Homossexualidade. 5. Sexualidade. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37:613.88

JÚLIA DAPHINY OLIVEIRA PAULINO

UMA ABORDAGEM DE ORIENTAÇÃO SEXUAL COMO TEMA  
TRANSVERSAL.

APROVADO EM: -----/-----/-----

---

PROFESSORA MS. MARIA JANETE DE LIMA

CAJAZEIRAS – PB

2009

---

“A sexualidade, enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós essa volta crítico – amorosa, essa busca de saber de nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo, se nos fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou os tratamos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente”

(Paulo Freire )

## AGRADECIMENTO

A Deus, por ter me dado forças para superar as dificuldades encontradas ao longo desta caminhada. Aos meus Pais, Eurenides Maria de O. Paulino e José Paulino Sobrinho e meu namorado Luciano pelo carinho, amor e dedicação, mas principalmente a minha mãe, por toda força que tem me dado em todo esse percurso, me dando muito incentivo.

Às amigas Lidiane Lira e Claudia Nunes, pelo incentivo, força, amizade, carinho, e força durante todo o curso.

## DEDICATÓRIA

A toda minha família, parentes e amigos, e a Professora Maria Janete de Lima por toda dedicação e paciência comigo, por ter contribuído em diversas formas com a minha formação. Aos meus colegas de classe e a todos os demais amigos, parentes que de certa forma estiveram sempre dando força, apoios espirituais nessa luta estudantil ao longo desse percurso educativo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	8
<b>CAPÍTULO I –</b>	
1.1 – Perspectivas Históricas da Sexualidade	11
1.2 – Sexualidade e Infância	13
1.3 – Sexualidade	14
1.4 – Abordagens com os pais e com a comunidade escolar	15
1.5 – Corpo Adolescente	17
1.6 – Relações de Gênero	19
1.7 – Gêneros e Adolescentes	19
1.8 – Homossexualidade	21
1.9 – Aborto	22
<b>CAPÍTULO II-</b>	
2.1 – Reflexões sobre Escola, Sexualidade e Gênero	25
2.2 – Orientadores Sexuais na Escola	27
2.3 – Os alunos solicitam a opinião pessoal do professor	28
2.4 – Desafios à Educação Sexual	29
2.5 – Na Dinâmica Interativa, a criança constitui seu corpo sexuado	31
<b>CAPÍTULO III</b>	
3.1- Estudo de Caso	34
3.2 – Análise dos Questionários dos Professores	35
3.3 - Análise dos Questionários dos Alunos	35
3.4 – Análise dos Dados do Gestor	36
3.5 – Análise do Estágio	37
<b>CONCLUSÃO</b>	40
<b>REFERÊNCIAS</b>	43

## INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema deste trabalho parte da nossa vida cotidiana, como filha de educadora, testemunhando os tabus, os preconceitos. Neste contexto vimos à necessidade de: ampliarmos os conhecimentos a respeito desta temática tão complexa que a cada dia desperta o interesse principalmente no nosso cotidiano escolar.

Se focalizarmos os olhares para as experiências que vivenciamos na vida escolar desde o ensino básico até a universidade, principalmente pelo tabu que a sociedade ainda incorpora em nossas famílias no que diz respeito à sexualidade. Para nós educadores em formação, não é uma tarefa fácil lidar com situações como: abuso sexual, homossexualismo, masturbação, gravidez na adolescência entre outras.

É a partir dessas dificuldades que são estabelecidas em sala de aula e no cotidiano, da falta de diálogo e da evasão do tema na escola, e nos lares; que o estudo será relevante e pertinente para favorecer uma melhor compreensão da temática, visando aproximar professores, alunos e a família para uma discussão espontânea e benéfica sobre a sexualidade no processo educativo no qual estão inseridos.

Favorecer a discussão é proporcionar um relacionamento humano-educativo, tendo em vista que é função da escola ou mesmo a interferência desta de forma equivocada levam a uma evasão natural das questões que envolvem esta temática.

Partindo desse estudo, buscamos traçar as principais linhas para uma 'orientação sexual' com a finalidade de integrar o meio social à realidade 'educativa' vivenciada nas escolas.

Compete aos educadores admitirmos a importância de se atingir à racionalidade necessária para se debater questões sobre esta temática que está exposta na mídia, nas escolas, nas esquinas, e lares. Como educadores somos humanos movidos por sentimentos, emoções, preconceitos, diferenças e semelhanças que acarretam os confrontos do que seja: "normal, imoral, certo, errado, aceitável e inaceitável". Cabe aos educadores incorporarmos essa

temática entre indivíduos e sociedade, num processo participativo, na busca da conquista da humanidade plena do indivíduo.

## **- GERAL**

Identificar e analisar a importância da sexualidade como ferramenta do processo educativo, dos professores e alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Mozart Rodrigues, Bonito de Santa Fé – PB.

## **- ESPECÍFICOS**

- Identificar o grau de conhecimento dos professores e alunos sobre o tema sexualidade na pré - adolescência.
- Analisar a prática do educador em desenvolver o tema em estudo;
- Observar a participação dos educandos nas atividades propostas sobre o tema;
- Investigar a metodologia e os recursos didáticos utilizados pelo educador ao desenvolver o tema em estudo;
- Verificar a existência de projetos sobre o tema em desenvolvimento na escola.

A metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa, do tipo Estudo de Caso sendo auxiliado por várias técnicas. Para a fundamentação teórica fizemos uso de bibliografias sobre o tema. Para a coleta de dados usamos questionários e observações. Os questionários foram aplicados aos educadores.

A sexualidade é um assunto muito complexo para se falar, uma vez que muitas crianças não têm esta aula em casa. Neste caso é necessário que o professor se disponha a orientar os alunos a esse respeito de uma forma bem singela e educativa. Isto deve ser feito de forma que não constranja o aluno.

O professor deve passar para o aluno que sexo existe, mas mostrar que meio a isso existe as doenças e este deve ser o enfoque da aula, prevenir doenças, a começar na pré-adolescência isto o fará entrar na adolescência já prevenido. Outro fato importante para a orientação sexual na escola é trazer médicos especializados no assunto, desta forma se vai ter uma consciência maior a respeito do assunto. Antes de falar de sexo na escola tem que se falar antes de qualquer coisa no tema saúde na escola. É aí que entra o assunto sexo.

## CAPITULO I

### 1.1 PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DA SEXUALIDADE

A sexualidade vem sendo considerada de diferentes formas, ao longo da história da humanidade. Embora nos pareça inusitado, houve um tempo em que fazer sexo e falar tal assunto não requeria muitas restrições. A esse respeito USSEL apud SUPPLY 2000 comenta que o comportamento sexual durante o século XV e XVI, refletia as atitudes e um modo de vida que poderíamos denominar de pró-sexuais.

Nessa época, por exemplo, era admitido que as pessoas satisfizessem as suas necessidades sexuais para não pôr a saúde em risco. Em virtude disso, eram permitidas as trocas de carícias e, para acalmar as crianças, os pais masturbavam-se. Em algumas camadas sociais as relações extraconjugais eram liberadas; a família e os serviçais dormiam nus e no mesmo quarto. Nesse contexto, os jovens, por poderem ver, sentir, e aprender com os adultos o que quisessem sobre os assuntos de natureza sexual, não necessitavam ser esclarecidos.

No entanto, com a ascensão da burguesia no século XVII, a quantidade e a qualidade das relações sociais foram transformadas, impingindo fortes modificações, entre outras, as que se referem à sexualidade. Essa passa a ser idealizada visando à união entre os sexos, ao amor, ao matrimônio e à procriação, sendo interditas quaisquer outras formas de manifestações sexuais que se afastem desses objetivos. Deste modo,

*... o sexo correto e aprovado pelos manuais nos primórdios da era moderna era o coito entre homens e mulheres unidos pelo matrimônio, o sexo que culminasse na produção de bebês (...) As atividades sexuais eram aprovadas ou rejeitadas precisamente na medida em que estavam ligadas à produção de uma descendência legítima. Desnecessário dizer, portanto, que o coito entre pessoas do mesmo sexo era francamente desaprovado. (PORTER, apud, SUPPLY 2000, p. 178).*

Na avaliação de USSEL apud SUPPLY 2000, os indivíduos foram levados a renegar suas sensações sexuais, recalá-las ou considerá-las como inexistentes. Por conseguinte, o interesse concedido à sexualidade foi gradativamente sendo associado ao misterioso, ao repugnante, ao indecente, o que veio tornar problemática a questão do esclarecimento sexual.

*Até mesmo o compreensível interesse pela sexualidade, que vai do desejo de saber ao estudo científico especializado, passou a ser julgado de forma cada vez mais negativa, fazendo com que a curiosidade sexual dos jovens fosse satisfeita num ambiente de culpa e de pecado (...). Foram, sobretudo, os jovens que ficaram expostos a esta influência, cujo objetivo era banir o sexual até mesmo da esfera do privado, nada é permitido. A criança e o jovem devem ser assexuados (USSEL, apud SUPPLY, 2000.65)*

Através da relação com os pais, o ser humano adquire a capacidade amorosa e erótica que amadurece no decorrer da vida. Essa experiência é insubstituível. Uma mãe capaz de proximidade física, com seu bebê, possibilitará para ele o desenvolvimento da capacidade de ter prazer físico e intimidade afetiva com outro ser humano.

A Orientação Sexual é um processo formal e sistematizado que se propõe a preencher as lacunas de informação, erradicar tabus e preconceitos e abrir a discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos.

Um espaço privilegiado é certamente a escola, já que a Orientação Sexual é uma intervenção pedagógica que favorece a reflexão mediante a problematização de temas polêmicos e permite a ampla liberdade de expressão, num ambiente acolhedor e num clima de respeito.

Mediante um trabalho de Orientação Sexual sistemático, é possível ajudar a se sentir sexualmente madura para fazer escolhas motivadas por amor e carinho pela outra pessoa, livres de vergonha ou culpa e minimizando os riscos de uma gravidez indesejada ou de doenças.

## 1.2 SEXUALIDADE E INFÂNCIA

A criança tem sido alvo de normas traçadas pela família, pelos médicos e pelos teóricos da educação, que prescrevem como tratá-la e educá-la, com o objetivo de alcançar a obediência e a docilidade.

No Brasil nas últimas décadas do século XIX, o espaço familiar e a escola se transformaram em ambientes de formação dos filhos por meio da educação de seus corpos e, principalmente, de uma educação do sexo, que passava pelo não-dito, pelo falar o mínimo possível e pelo controle do que era falado, de quem falava e onde se falava. A mulher estava pronta para desempenhar o papel da mãe higiênica. A pedagogia higienizada aplicada às elites produziu um indivíduo

*Física e sexualidade obcecada pelo seu corpo; moral e sentimental centrado em sua dor e seu prazer; socialmente racista e burguês em suas crenças e condutas; finalmente, politicamente convicto de que a disciplina repressiva de sua vida depende da grandeza e o progresso do Estado brasileiro (COSTA, apud CAMARGO, 1999).*

Enquanto na sociedade medieval o sexo objetivava apenas a procriação, para que se pudessem perpetuar os bens materiais, na sociedade burguesa a sexualidade é idealizada com o objetivo de unir sexo, amor, matrimônio e procriação. Qualquer outra manifestação da sexualidade fora desse ideal era interdita:

*Passou a ser tida como ilícita a sexualidade fora do casamento (amor-livre, coito pré-conjugal ou extraconjugal); a sexualidade sem amor (prostituição, masturbação); ou a sexualidade sem procriação (homossexualidade, sexualidade infantil e sexualidade no climatério (COSTA, 1989, p. 24)*

O falar com as crianças sobre as relações entre sexo recebeu diferentes tratamentos no decorrer da história. No século XVI, Erasmo publicou os seus famosos *Colóquios*, que se destinava a aprimorar a língua dos jovens e a educá-los para a vida. Tal obra foi o livro – texto mais famoso e mais lido de sua época, sendo também mais criticado posteriormente. O autor tinha a intenção de apresentar a vida adulta ao menino e, dessa forma, relata os

diálogos de um jovem fazendo corte a uma moça, as queixas de uma mulher sobre o mau comportamento do marido e conversas entre um rapaz e uma prostituta. A fraqueza com que as funções naturais eram comentadas entre adultos na presença das crianças e as brincadeiras que eram realizadas com elas denotam como Erasmo considerava natural que as crianças soubessem a temática de seu livro.

Um fato acontecido em uma corte do século XVII ilustra bem como os adultos se divertiam com as brincadeiras realizadas com as crianças. Naquela corte vivia

*Uma pequenina de seis anos de idade. As senhoras da corte conversam muito com ela e, certo dia, fazem uma brincadeira: tentam convencer a menina de que ela está grávida. A menininha nega isso. Defende-se. É absolutamente impossível, diz e discutem muito. Certo dia, porém, ao acordar, descobre um recém nascido na cama ao seu lado. Espantada, diz ela em toda sua inocência: "De modo que isto só aconteceu coma Virgem Maria e comigo porque não senti nenhuma dor". Essas palavras passam de boca em boca e o pequeno caso tornar-se a diversão de toda a corte (ELLAS, apud, CAMARGO).*

Depois de Erasmo, outros teóricos da educação, entre eles Jean-Jacques Rousseau, no século XVIII, continua não tomando a sexualidade infantil como objeto de estudo, pois ela ainda não havia sido problematizada. O sexo na infância não ia além de uma diferença anatômica. Para Rousseau (1992, p. 271) "até a adolescência as crianças dos dois sexos nada têm de aparentar que as distingam; mesmo rosto, mesmo aspecto, mesma cor, mesma voz. Tudo é igual, ambos são crianças". Rousseau se preocupava com o amor da criança pelas pessoas que a rodeavam: "Toda criança apega-se à sua ama; O primeiro sentimento da criança é amar a si mesma e o segundo é amar os que lhe são próximos.

### 1.3 SEXUALIDADE

A sexualidade é um elemento importante para análise e compreensão da dinâmica do adolescente. As mudanças físicas incluem alterações hormonais que muitas vezes provocam estados de excitação incontrolável. Surge então uma intensificação da atividade masturbatória. Nessa fase também ocorre a consolidação do tipo de atração sexual vivida

pelo indivíduo; são pertinentes as explorações da atração a das fantasias sexuais com pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto. A experimentação desse tipo de vínculo tem relação com a rapidez e a intensidade da formação e separação de pares amorosos entre os adolescentes.

A escola é um lugar privilegiado, de ajuda em potencial, porque o aluno não está aí apenas por um dever moral ou obrigação social, mas há também um motivo interno: o desejo de saber. A energia que origina a curiosidade sexual (na primeira infância) vai se diferenciar e se transformar no desejo de saber, o que resulta no prazer de adquirir conhecimentos. Isso inclusive pode expressar-se através do intenso questionamento realizado pelos jovens na escola.

Os professores podem ser escolhidos como modelo adulto, a partir da sua autoridade sobre o adolescente, objeto da transferência dos pais. Para poder ajudar o aluno, o professor precisa ocupar o lugar de autoridade, sendo adulto. Não é tentando ser amigo que o professor ajuda: é estando junto, sem querer igualar-se ao jovem.

Todas as tarefas da adolescência – e elaboração das perdas, a discriminação do tempo, a escolha amorosa – significam uma ruptura. Processa-se a transferência para si próprio de tarefas que antes eram atribuídas aos adultos responsáveis: é a conquista da autonomia. Cabe a toda a sociedade e à escola em particular ajudar o adolescente a canalizar produtivamente suas potencialidades, criando e oferecendo espaços de participação e realização pessoal.

#### **1.4 ABORDAGENS COM OS PAIS E COM A COMUNIDADE ESCOLAR.**

Para a implantação de um trabalho de Orientação Sexual na escola, é necessário que , além dos responsáveis diretos por essa tarefa, os pais, equipe técnica e todos os professores conheçam a proposta a ser desenvolvida (objetivos, princípios, metodologia) e colaboram com ela. Já seria um avanço se não agissem em sentido contrário.

A participação de toda a escola na implantação da Orientação Sexual será possível se no planejamento houver integração desse trabalho à proposta pedagógica geral. Assim, se a sexualidade for tema de reflexão de todos os educadores, serão removidas barreiras que podem prejudicar o desenvolvimento de um trabalho em fase inicial.

Onde a Orientação Sexual é incipiente e imenso os tabus com relação à sexualidade, são necessários envolver os pais: cabe a eles autorizar seus filhos a participar desse trabalho. Decorrido algum tempo, espera-se que os pais estejam convencidos de sua necessidade e o apoio virá naturalmente. A partir daí, eles deverão ser informados da implementação do processo, sem necessidade de dar mais aprovação formal.

Um primeiro passo é deixar muito claro o papel da escola em Orientação Sexual: Criar um espaço para os jovens pensarem, discutirem e informarem-se sobre a sexualidade; reverem seus valores; tirarem dúvidas que geram ansiedade.

Não cabe a escola ditar o que é “certo” ou “errado”. Quando um professor determina comportamentos cerceia a escolha do adolescente e, pior, coloca seus valores como padrão e seus conceitos com os melhores. Através da reflexão e do diálogo, pretende-se que o jovem reflita sobre os valores envolvidos no comportamento sexual e perceba sua dimensão biológica, cultural ou relativa à sua classe social.

Em escolas onde a Orientação Sexual já está sedimentada e aceita, os pais poderão ser informados do andamento do trabalho e convidados a comparecer à escola nos horários normais de atendimento, para dirimir alguma dúvida. Há escolas que matem as aulas

Em escolas onde a Orientação Sexual já está sedimentada e aceita, os pais poderão ser informados do andamento do trabalho e convidados a comparecer à escola nos horários normais de atendimento, para dirimir alguma dúvida. Há escolas que matem as aulas de Orientação Sexual fora do horário escolar e outras que integram esse trabalho no horário comum das demais disciplinas.

Um assunto freqüente na maioria das conversas com os alunos é o corpo. O corpo necessita de cuidados, saúde, higiene e proteção.

Não somos pedaços, somos uma pessoa inteira. Uma unidade que deve ser respeitada, conquistada e preservada sempre. O corpo são sensações, emoções, desejos e vontades. Isso não se explica, mas se aprende, conhece, sente. Meu existe diante de mim e me faz existir. O outro existe diante de mim e seu olhar me faz existir. O corpo guarda marcas, inscritas através da educação: nas proibições, permissões, vergonhas, coragem, medos, dores, prazer, receios, ousadias, distanciamento, aproximações... O corpo tem seus sonhos, projetos e fantasias. O corpo sou eu. Por isso a tanto a conversar, a aprender, a conhecer.

É importante que o professor desenvolva com um grupo um clima de confiança, respeito. Tendo claro o objetivo do seu trabalho com o corpo, considerando as características e necessidades de cada um e do grupo. Que sempre construa uma contextualização deste corpo do qual se fala, como estar contando a “história” das histórias desse corpo.

## **1.5 CORPO ADOLESCENTE**

Na adolescência ocorrem mudanças significativas em nível biológico, emocional e nas relações pessoais. Essas mudanças exigem das pessoas que se relacionam com o adolescente uma atitude positiva e clara diante da sexualidade: o sexo é prazer, é bom, uma relação de troca de afeto em que não há espaço para discriminações.

O investimento no corpo, sob o domínio do saber médico, revelou-se, no âmbito da educação, entre outros, no combate à masturbação (onanismo). Ao ser normalizado pela medicina como um problema que produzia danos graves, essa prática passou a representar uma ameaça para a saúde física, moral e intelectual dos jovens. Considerada como desperdício e ato irresponsável, a masturbação tornou-se uma preocupação para a medicina moderna ao infringir a lógica da reprodução como única forma de conduta sexual legítima. Por ser encarada como um perigo, que precisava ser combatido, nas escolas que surgiram

na Europa e no Brasil, a partir do século XIX, predomina uma verdadeira campanha antimasturbatória, que consistia:

*...em manter os adolescentes continuamente ocupados. Durante as aulas era preciso obrigá-los a tomar o maior número possível de notas para que suas mãos estivessem sempre à vista. Sobretudo entre os educadores progressistas, o trabalho manual e a ocupação desempenhavam, além do papel pedagógico habitual, um papel antimasturbatório (USSEL, apud CAMARGO, 1999).*

Em nosso contexto social, o adolescente sofre o efeito de padrões rígidos de comportamento, da moda, de modelos estereotipados de “perfeição física”. Ao mesmo tempo, ele experimenta profundas mudanças em seu corpo e em sua vida; na busca de sua identidade e bem estar. É um espectador interessado, ansioso, do próprio corpo, ora angustiado, ora vitorioso.

É muito comum nessa idade a preocupação com normalidade. Muitas são as sociais de ser homem e mulher proposto ao adolescente são rígidos e freqüentemente aprisionam em determinada forma de ser.

É importante repensar e resgatar o conhecimento do corpo e da experiência individual. Essas abordagens devem ocorrer num espaço prazeroso e franco, possibilitando nova libertação e apropriação corporal.

A formação do corpo depende de fatores como a capacidade de formar vínculos de amor — aprendida no início da vida mediante a relação com os adultos mais significativos (mãe, pai). Fica registrada no corpo da pessoa a vivência do prazer de ser amada e seu reconhecimento de que é digna de sê-lo. Se, no começo de sua existência, a criança é sistematicamente frustrada nos anseios afetivos, se atravessa fases de insegurança emocional, pode desenvolver expectativas de rejeição e uma descrença na possibilidade de formar vínculos afetivos estáveis e satisfatórios. Nosso corpo sexuado inicia a construção de sua identidade feminina ou masculina através do desejo, da memória; e das marcas inscritas em cada um de nós.

## **1.6 RELAÇÕES DE GÊNERO**

Desde o nascimento, ser homem ou ser mulher são condições tratadas de forma muito diferente na maioria das sociedades. A definição do sexo das crianças é cercada de expectativas familiares e sociais quanto a seu comportamento. Essas expectativas orientam o caminho que a criança percorrerá até se tornar adulta; elas são o ponto de referência mais importante para a condição psíquica e social do indivíduo.

A multiplicidade de comportamentos “masculinos” e “femininos” aponta para os padrões culturais das sociedades como o berço de valores tão diferenciados. A manutenção destes valores é garantida através de uma educação que geralmente trata as meninas como seres frágeis e dóceis e os meninos como fortes e eficientes. Essa mesma educação incute valores acerca de qual comportamento social e pessoal esperar do homem ou da mulher.

O uso conceito de gênero nos auxilia a refletir tanto sobre a discriminação da mulher como sobre o preconceito diante de homossexuais, passando pelas relações de poder e pela desvalorização do trabalho feminino. O resultado destas reflexões talvez possa contribuir para a superação da desigualdade de gênero e, de forma mais ampla, da desigualdade social.

## **1.7 GÊNEROS E ADOLESCENTE**

Como pensar com os adolescentes sobre as questões de gênero? Justo numa fase em que o corpo do menino se transforma em corpo de homem, o da menina em corpo de mulher, ambos potencialmente reprodutivos? Tais fatores precipitam outros, igualmente importantes, como a atração sexual, a escolha do parceiro ou parceira, a possibilidade da paternidade e da maternidade.

Por tratar-se de processos internos complexos, e também porque socialmente está colocada a relação entre os gêneros, o adolescente sente dificuldade em lidar com todas essas

nuances. Ora tende a reproduzir comportamentos estereotipados em relação a gênero, ora procura romper radicalmente com o conhecido: não é fácil conviver com essas oposições. Assim, um adolescente tenta proibir a namorada de usar uma roupa que ele julgue provocante e ao mesmo tempo seu ídolo é uma cantora como Madonna.

Daí surge a possibilidade da mudança e interrupção do processo de reprodução do que já existe e adaptação a ele. A discussão das relações de gênero é fundamental na orientação sexual como adolescentes, pois diz respeito à identidade própria e às relações com o outro. A rigor, em todos os passos da Orientação Sexual, pode-se trabalhar as relações de gênero: afinal, todo relacionamento e comportamento humano

A rigor, em todos os passos da Orientação Sexual, podem-se trabalhar as relações de gênero: afinal, todo relacionamento e comportamento humano dizem respeito a elas. Ao abordar o tema “corpo”, a discussão sobre as relações de gênero pode suscitar questões como: “Existe alguma relação entre o corpo (masculino ou feminino) e a forma como as pessoas vivem?”; “o que a virgindade em sua dimensão orgânica e em seu aspecto simbólico, tem a ver com o modo de vida de uma cultura?”; “um bebe já apresenta diferenças de comportamento em função do seu sexo?”; “na paquera, quem deve tomar a iniciativa?”; “num relacionamento sexual, quem deve assumir a responsabilidade pela contracepção e prevenção do contágio de doenças sexualmente transmissível?”; “rapazes e moças devem ser educados de forma semelhante?”.

São inúmeras as questões relativas ao tema que, alias, não é de interesse apenas da Orientação Sexual, já que as relações de gênero perpassam quase todas as atividades e conhecimentos humanos. Elas também são objetos de valores e de preconceitos.

“Preconceito” é um pré-julgamento, uma posição assumida sem conhecimento ou reflexão sobre os fatos. Sendo o preconceito calcado em valores, manifesto determinado forma de encarar o mundo.

## 1.8 HOMOSSEXUALIDADE

A homossexualidade tem sido um dos temas mais freqüentes em nossos encontros com grupos de professores e de pais. Percebe-se um clima de apreensão quanto a atitudes “esquisitas” de alguns alunos ou o medo de que o filho “fique” homossexual. No fundo dessas apreensões e medos está a preocupação de que o jovem não cumpra as expectativas morais e sociais: a procriação, a continuidade da família, viver num “ambiente são” longe de um “mundo perversões”.

Para nos orientarmos e assim diminuir nossas idéias preconceituosas, primeiro é preciso obter informações básicas. É importante observar que a ciência atual não tem uma explicação definitiva para “homossexualidade”. Ainda existem dúvidas em relação as hipóteses levantadas acerca desta condições. Muitas vezes desejamos encontrar a grande verdade, a qual não existe. A homossexualidade é uma forma milenar de comportamento sexual que apresenta inúmeras faces e, portanto, não é possível olhá-la através de um só ângulo.

A homossexualidade se relaciona com as construções sociais das padrões de gênero; com o mundo fascinante da mente e do psiquismo humano; como características biológicas; com os costumes e rituais criados pelas culturas; com os caminhos percorridos por cada indivíduo; com os dramas e tramas familiares; com as relações no interior do sistema capitalista. Todos esses fatores integram um complexo sistema de elos ainda não decifrados, o que suscita mais questões do que conduz a respostas.

Assim como o adulto, a criança possui dentro de si potencialidades diversas: devido à educação recebida, ela desenvolve apenas algumas delas o que, de certa forma, lhe empobrece a experiência. Educar, neste contexto, é proporcionar ao educando um maior numero de experiências para que amplie seu universo de possibilidades.

É importante que na fase pré-escolar a criança possa jogar com seus papéis de uma maneira mais flexível, reunindo vivências necessárias para a construção da sua identidade de

gênero. A infância é momento de circular com maior desenvoltura pelo mundo masculino e feminino.

A relação sexual entre pessoas do mesmo sexo sempre existiu e sempre existirá, pois, esta é uma das formas possíveis para homens e mulheres viverem seu prazer.

A atração sexual homo ou hetero não é objeto de escolha. O homossexual não pode ser culpado por sua atração pelo mesmo sexo e é no mínimo injusto reprová-lo por esse fato.

A homossexualidade não é uma doença e, portanto não se pode pensar em cura e muito menos em transmissão. Essa é a posição da Organização Mundial da Saúde a alguns anos. Tanto que o termo “homossexualismo” evoluiu para “homossexualidade”, pois, do ponto de vista médico, o sufixo “ismo” é aplicado a doenças.

Os homossexuais diferem dos heterossexuais tão – somente na questão de atração sexual. São antes de qualquer coisa seres humanos, com direitos iguais aos outros e merecem nosso respeito. Há entre eles, pessoas criativas, bondosas, inteligentes, honestas, neuróticas, inseguras, maldosas. Há aqueles com aparência efeminada e aquelas com aparência masculinizada; porém, há o homem homossexual forte e viril e a mulher homossexual ou lésbica, meiga e feminina.

## **1.9 ABORTO**

A questão do aborto – o abortamento intencionalmente provocado – aparece como um dos temas mais controvertidos num programa de orientação Sexual. O aborto atinge a área de saúde pública e suscita questionamento sobre a autoridade do estado regular o comportamento dos indivíduos, sua vida íntima e ações sobre o seu corpo. O aborto é permitido em dois casos de gravidez: a decorrente de estopo comprovado ou quando, numa situação de risco, sua interrupção for necessária para salvar a vida da mãe (com a devida indicação médica).

Estima-se que seja praticada quase um milhão e meio de abortos no Brasil, por ano (Em 1991 foram induzidos no Brasil 1.443.350 abortos segundo dados do The Alan Guttmacher Instituto, veiculados em O Estado de S. Paulo, de 7/8/94). Trata-se de um dos índices mais altos do mundo. Considerando-se sua ilegalidade, é fácil perceber as conseqüências.

As clínicas clandestinas, que atendem à classe média e alta, são um negócio altamente rentável; quando as carências econômicas aumentam, torna-se pleno de riscos para a saúde, devido à falta de assepsia e de assistência médica qualificada. Infecções, intoxicações, perfurações do útero são situações que põem em risco a saúde e a própria vida da mulher.

Impossibilitada de realizar o aborto em mulher que o desejam à rede de saúde pública resta atender as complicações decorrentes de um abortamento mal feito. É preciso considerar que o debate sobre o aborto aparece em situações-limite, na vida de pessoas concretas. Falhou o método anticoncepcional utilizado; faltou conversa sobre a gravidez indesejada e suas conseqüências. Faltou o diálogo do casal sobre ter filhos ou não, quantos e quando. Esvazio-se o argumento mágico do tipo “comigo não vai acontecer”. Fatores inconscientes interferiram. Faltaram informações e orientações sobre a escolha e uso de métodos anticoncepcionais. Faltou refletir melhor sobre a vida familiar com suas responsabilidades.

Faltou dinheiro, faltou coragem para se prevenir. Enfim, algo não deu certo. E a decisão a ser tomada, além de ser rápida, está sujeita a pressão de todos os tipos e ao desamparo do Estado. Incontáveis vezes é a mulher sozinha, abandonada pelo parceiro, quem arca com todas as conseqüências – físicas, psíquicas, sociais e econômicas. O desespero pode ser a tônica da ação numa hora dessas. É difícil para uma mulher sozinha criar uma criança. Para a mãe adolescente, a ausência do pai é ainda mais dramática. O abandono e a solidão certamente estarão presentes.

Que opção restará além do aborto? Opção penosa para uma adolescente, especialmente se o parceiro não estiver presente em todo o processo. A decisão de abortar costuma ser clandestina e tomada longe dos pais. Muitas vezes falta uma amiga, com quem se possa

compartilhar as angústias. Seu significado será intenso para uma adolescente, mesmo que esteja muito apoiada.

## **CAPÍTULO II**

### **2.1 REFLEXÕES SOBRE ESCOLA, SEXUALIDADE E GÊNERO.**

Se a escola não tratar da questão sexual, estará transmitindo aos alunos a noção de que o assunto é mesmo um tabu, sobre o qual não se pode falar. Seria algo tão individual que cada um guardaria para si, sem comentários: no máximo, pode-se conversar sobre isso em casa. Ou ainda se trata de algo que não é objeto de conhecimento sério, não faz parte da educação e se aprende com os colegas, ou através de revistas e filmes pornográficos ou em zonas de prostituição.

Não há como escapar. Mesmo que a escola se omita, estará acontecendo algum tipo de educação sexual. No caso, repressiva, inadequada e deformada. Não há garantia de que o aluno venha a receber na rua ou através dos meios de comunicação as informações necessárias para uma vida afetiva e sexual harmoniosa.

É função de a escola contribuir para uma visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização do ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades.

Atualmente, a ênfase em relação a sexualidade tem sido muito maior quanto ao desempenho genital do que quanto à satisfação emocional. A liberdade sexual tem sido confundida com promiscuidade e a informação com instrução sobre movimentos físicos mecânicos.

Alguns pais terão dúvida quanto à convivência de fornecer as adolescentes à informação sexual e de transmitir uma visão da sexualidade como algo natural e bonito. Muitos considerem que, apesar de não terem recebido instrução formal, levam uma vida sexual satisfatória.

Possivelmente tais pessoas acreditem que a informação induz à prática do sexo. Especialistas afirmam o contrário: quem recebeu orientação correta, na hora de praticar o sexo, o faz com muito mais responsabilidade e com maior possibilidade de usufruir o prazer.

Informar é importante, mas não suficiente para mudar comportamentos. Por isso, muitos jovens encontram dificuldade em processar os conhecimentos recebidos; outros, devido a medos e conflitos, não conseguem colocá-los adequadamente.

A desinformação, o medo e a angústia decorrentes da ignorância podem comprometer a capacidade de aprender da criança e as suas possibilidades de ter uma vida sexual harmoniosa, assim como colocá-la à mercê de suas experiências sexuais diante das quais se encontrará desprotegida.

Se a escola não abrir um espaço de discussão, a sexualidade se transforma em fonte de agressão, balbúrdia e exibicionismo. Ao falar sobre sexo, os alunos se conscientizam dos seus temores, encontram respostas às indagações e passam a lidar com o tema de forma madura, possibilitando maior tranquilidade em meio ao turbilhão da adolescência.

As aulas de Orientação Sexual podem propiciar transformações nos relacionamentos pessoais, aumento na afetividade e naturalidade na troca de idéias, bem como o respeito pela diversidade.

A mudança pode alcançar a relação com outros professores e freqüentemente chegar ao lar. O diálogo com os pais muitas vezes é obtido ou retomado como resultado dessa experiência na escola.

Uma das contribuições da escola para o aluno é desenvolver o pensamento e a capacidade crítica, no sentido de não aceitar, nem rejeitar, valores antes analisá-los.

A possibilidade de pensar com liberdade assuntos considerados proibidos por muitos cria espaços mentais que estimulam o jovem a rever outras demissões privadas e sociais de sua existência. Ele também aprende que mesmo opiniões muito diversas merecem ser discutidas e avaliadas dentro de um clima de respeito. Para o aluno, essa capacidade pode resultar em maior curiosidade intelectual e abrir sua visão de mundo para o educador e para a escola, pode estimular inesperadas práticas educacionais; para a família pode gerar novos laços de afeto e diálogo.

## **2.2 ORIENTADORES SEXUAIS NA ESCOLA**

Qual o perfil do orientador sexual na escola? Será um especialista? Deveria conhecer toda a literatura sobre sexualidade? Para essa função deve-se convidar um profissional de saúde? Um professor? Homem ou mulher?

O professor acompanha seus alunos, muitas vezes diariamente. Portanto, conhece a história e a forma como o adolescente vive em seu grupo. Constrói vínculos com seus alunos, sabe como conduzir debates, sabe dar aulas... É claro que nem todos os professores apresentam essas características; mas também é verdade que não são poucos que desenvolvem um trabalho significativo com seus alunos. Tais educadores são candidatos para conduzir a Orientação Sexual.

É fundamental que o orientador tenha uma atitude positiva frente à própria sexualidade, que seja capaz de tratar com naturalidade as questões levantadas. Conduzir bem os debates, criar oportunidades de expressão, ajudar a refletir, questionar os próprios problemas e incentivar a troca de opiniões são desafios de Orientação Sexual, essas experiências serão incorporadas e valorizadas pelo orientador.

A sexualidade do adolescente remete o orientador para a sua própria sexualidade. Todos nós recebemos algum tipo de educação sexual que, na maioria das vezes, reflete um

pensamento dominante que se restringe à dimensão genital, deslocada de um contexto mais amplo – as relações humanas.

A formação do professor raramente incorpora temas de sexualidade em seu currículo. Falta uma abordagem com enfoque biopsico-social; falta uma reflexão mais aprofundada sobre as relações interpessoais. Por isso, muitas escolas, ao trabalhar com Orientação sexual, abordam apenas a reprodução, aparelho genital, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e incluem alertas sobre a gravidez na adolescência. São deixados de lado os aspectos emocionais, éticos e culturais.

A família e a escola reivindicam claramente que o adolescente seja esclarecido quanto à sexualidade. A influência da mídia, as ameaças representadas pela Aids, pela gravidez indesejada e pela violência sexual dentro e fora de casa, têm impulsionado a instituição escolar a implantar trabalhos de Orientação Sexual.

### **2.3 OS ALUNOS SOLICITAM A OPINIÃO PESSOAL DO PROFESSOR**

Durante a Orientação Sexual, o educador muito provavelmente será solicitado a expressar sua opinião sobre temas, considerados polêmicos, que envolvem valores morais.

Outros grupos de adolescentes podem ver no educador alguém confiável para explicar dúvidas e querer de volta ponderações diferentes daquelas que fazem os adultos do seu grupo familiar. O professor deve problematizar as discussões, garantir a reflexão crítica e tentar evitar a cristalização de tabus e preconceitos que normalmente emergem em questões polêmicas. É enriquecedor a ampliação dos debates para o âmbito da História e de outras sociedades.

### **2.4 DESAFIOS Á EDUCAÇÃO SEXUAL**

Ainda hoje, a abordagem de questões sexuais na escola como algo não-sadio, pois estimularia precocemente a sexualidade da criança e do adolescente. O trabalho de Educação Sexual implica a discussão de questões sociais, éticas e morais.

Para compreender a sexualidade humana é essencial que ela possa ser entendida e discutida com liberdade.

Vivemos em uma sociedade em que as descobertas científicas e tecnológicas favorecem uma riqueza de experiências, além de inúmeras possibilidades de mobilidade social e de relacionamentos. E o que é pior, quando o controle atinge a intimidade da vida sexual, resta muito pouco de diferente e exclusivo para o ser humano.

A estrutura social do mundo capitalista em favorecido um controle cada vez maior, atingindo a privacidade dos cidadãos e cidadãs, submetendo sua vida íntima a opinião pública e expondo sua atividade sexual. Assim a intimidade do homem e da mulher modernos torna-se tão dirigida quando seu trabalho e sua autonomia pessoal ficam comprometidos.

É comum encontrar em revistas destinadas a adolescentes, ao público masculino ou feminino artigos que trazem regras para um bom desempenho sexual, testes para medir virilidade, métodos de conquistas e um parceiro ou parceira, etc. Que tendem a padronizar e normalizar a conduta sexual e seus leitores e leitoras. Na escola, a presença do educador e educadora comprometidos com o respeito à intimidade sexual possibilitaria que o aluno e a aluna tivessem uma visão do sexo diferente daquela vendida pelo consumo.

Qual seria o caminho da Educação Sexual? Entendemos que é necessário possibilitar o conhecimento e o desenvolvimento da vida sexual, como maior espontaneidade, liberdade e aceitação das diferenças individuais, tanto para o educador e educadora quanto para o adolescente e a adolescente. No entanto são grandes os desafios principalmente para o educador e educadora de hoje, pois o caminho do conhecimento da vida sexual se contrapõe à crescente complexidade da vida moderna.

Entendemos que o trabalho da Educação Sexual na escola deve ser realizado de tal forma que permita a participação constante dos alunos e alunas, por meio de discussões.

Que privilegiem o posicionamento de cada um quanto ao tema em debate, assim como o levantamento de discussão das dúvidas, das divergências e dos pontos em comum.

A escola é uma das instituições encarregadas de transmitir cultura e formas de comportamento aceitas pela sociedade, mas podem também ser uns espaços de questionamentos desses comportamentos.

A educação sexual intencional e continua objetivo desencadear falas e reflexões sobre a temática da sexualidade humana e pode dar-se em um espaço definido ou transversalmente – atravessando o conteúdo das diferentes disciplinas – contemplando princípios metodológicos que são fundamentais em educação.

O desenvolvimento da autonomia e da afetividade permite aprimorar as relações interpessoais; a sociedade necessita de pessoas capazes de respeitar as opiniões dos demais e, por sua vez de defender os próprios direitos.

Independentemente do gênero (masculino ou feminino) a afetividade implica a capacidade de expressar as sensações de prazer e de dor; as emoções; as paixões, como o amor e o ódio; a ternura; a vinculação afetiva ou, ao contrário, o sentimento de ruptura.

*A construção de nossas concepções sobre a afetividade se rege pelos mesmos princípios de aprendizagem de outros consertos, normas e valores; [...] ao mesmo tempo que o elemento afetivo mediatiza nossos processos cognitivos e aprendizagens (MEDERO, apud, SUPPLY, 2000, p. 30).*

A sexualidade humana, mais do que o ato sexual e a reprodução, abrangem as pessoas, e seus sentimentos e relacionamentos. Implicam aprendizados, reflexões, planejamentos, valores morais e tomadas de decisão. A sexualidade é uma energia forte e mobilizadora,

uma dimensão da expressão do ser humano em sua relação consigo mesmo e com o outro, lugar do desejo, do prazer e da responsabilidade.

Conhecer a sexualidade centrada na generalidade advém de uma educação que disciplina, organiza e concentra o prazer nos genitais; assim procedendo, anestesia o resto do corpo.

A Educação Sexual deve ser pensada não como apêndice nas práticas educacionais, mais como integrante do currículo e da proposta de cada escola. No Brasil, a Educação Sexual passou e passa por movimentos que avançam e recuam e ainda não está incorporada ao sistema educacional.

A metodologia de trabalho para a Educação Sexual deve contemplar o ser humano como uma realidade única, singular, que articula construtivamente um organismo individual herdado, a inteligência internacionalmente construída e a estrutura do desejo, transversalizados em um contexto sociocultural (Fernández, 1994)

## **2.5 NA DINÂMICA INTERATIVA, A CRIANÇA CONSTITUI SEU CORPO SEXUADO.**

As crianças, desde a tenra idade, fazem inúmeras perguntas relacionadas ao sexo; muitas vezes bem mais do que os outros grupos de maior idade. São perguntas básicas para o desejo de saber e, se ocultadas, podem inibir o ímpeto da busca do conhecimento.

Aquilo que impele a criança a voltar-se para o problema de suas origens, a curiosidade, a pulsão de saber, esta relacionado com as indagações mais fundamentais do ser humano (RIBEIRO, 1996).

Para a criança a sexualidade se passa brincadeiras naturais e espontaneamente. Na brincadeira de faz-de-conta - médico cabaninha - resiste à censura do adulto:

*Mesmo uma criança de dois anos, quando tenta organizar seu mundo, construir sua própria maneira de perceber as relações sociais, apropriar-se das relações com outras crianças e com os adultos --- essa criança participa, á sua maneira, da resistência molecular. E o que ela encontra? Uma função de equipamento subjetivo da televisão, da família, dos sistemas escolares. portanto, a micropolítica dessa criança envolve as pessoas que estão em posição de modelização em relação a ela. É possível subverter essa posição. As pessoas que experimentaram, com sinceridade, outros métodos educacionais sabem muito bem que se pode desmontar essa mecânica infernal. Com outro tipo de abordagem, toda essa riqueza de sensibilidade e de expressão própria da criança pode ser relativamente preservada (GUATTARI, 1993).*

Se, para a criança, tanto a manifestação de sua sexualidade quanto a sua curiosidade e fala são naturais e espontaneamente , a capacitação do adulto nessa área é claramente necessária para que sua intervenção seja adequada da família e dos educadores e educadoras, suas reações diante da tevê, com ou sem palavras , positivas ou negativas , já constituem educação ou deseducação sexual.

As propostas para a Educação Infantil deveriam considerar que as crianças são seres sexuados que manifestam espontaneamente sua sexualidade e desenvolvem suas próprias teorias sexuais;

A necessidade da formação do professor e da professora de Educação Infantil passa também pelo reconhecimento da Educação Sexual nesse contexto. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, elaborado pelo MEC, considera que,

*A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com o prazer, necessidade fundamental dos seres humanos [...] Seu desenvolvimento é fortemente marcado pela cultura e pela história [...] A marca da cultura faz-se presente desde cedo no desenvolvimento da sexualidade infantil, por exemplo, na maneira como os adultos reagem aos primeiros movimentos exploratórios que as crianças fazem em seu corpo (MEC, 1998, v 2, p17).*

“A adolescência chega e muitas vezes com ela as primeiras experiências sexuais”. Nem todo mundo sabe, mas o despertar da sexualidade nada tem a ver com a generalidade, normalmente acentuado nesta fase da vida. Quando o ser humano nasce, já começa a desenvolver sua própria sexualidade. Entretanto, em uma sociedade que ironizou o sexo, incentivando sua prática a qualquer custo, as pessoas perderam o referencial.

Muitas acreditam que os únicos riscos do sexo são físicos, como uma gravidez indesejada ou a contaminação pelo vírus HIV. “Os especialistas, no entanto, alertam que viver plenamente as experiências sexuais pode trazer outros problemas: traumas que, sem tratamento adequado, serão carregados por toda vida”.

A sexualidade será sempre a associação da própria generalidade, do carinho, do afeto, do amor e, principalmente, da comunicação. Nem sempre, sua manifestação se dará entre amantes. “De maneira alguma, a sexualidade quer dizer apenas a relação sexual, a penetração ou a simples preocupação com os genitais. Ela é algo mais amplo, que passa a existir com o nascimento do indivíduo. Sexualidade significa vida”, esclarece o Dr. Leonardo Goodson, ginecologista com especialidade em Sexualidade Humana.

## CAPÍTULO III

### 3.1 ESTUDO DE CASO

O estudo de caso é um procedimento muito idealizado quando é selecionado apenas um objeto de pesquisa, detendo assim grande quantidade de informações sobre o caso escolhido e, conseqüentemente, aprofundado seus aspectos.

Trata-se de uma forma de investigação bastante utilizada nos cursos de pós graduação, sobre tudo pela facilidade operacional que proporcionam. A Alternativa de utilizar uma amostra reduzida faz com que essa modalidade de pesquisa se apresente como uma das populares entre os investigadores.

Vale salientar que é imprescindível para que o estudo de caso se concretize de forma eficaz que o investigador tenha as habilidades desejadas para extrair do caso as informações relevantes através de procedimentos fortemente baseados na percepção e na capacidade analítica, sendo indispensáveis características como a de ser capaz de formular boas questões e de interpretar as respostas, ser bom ouvinte e não ficar prisioneiro de seus preconceitos, ser adaptativo e flexível sem perder o rigor.

O referido estudo foi realizado através de instrumento que compreende questionários aplicativos aos alunos entrevistas realizadas com os professores e gestores e como também através de observações feitas na escola, as quais foram registradas no caderno e também através do estágio realizado na escola acima citada.

Em relação à abordagem da educação sexual na escola todos os educandos entrevistados quando convidados sentiram-se incomodados alegando não saber falar de “sexo” e os quatro professores juntamente ao gestor apresentaram pouco interesse em responderem, por não terem disponibilidade.

### **3.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS PROFESSORES**

Foram distribuídas cinco questões abordando como trabalhar a educação na escola, mediante realidade da própria escola e em que perspectiva este assunto pode contribuir na aprendizagem dos alunos e como reproduzem no interior da escola, os professores quando receberam as questões fizeram análise das mesmas, eram suas respostas convencidas de que este tema reflete em diversos fatores, família, sociais, religioso e principalmente no campo escolar, que não oferecem condições aos educadores nem apoio a encarar situações que virão repercutir ao abordar assuntos sobre sexualidade.

A professora da 4ª série tem o ensino médio completo (magistério), e foi muito clara com o tema, abordando que a sexualidade é uma função humana e por sinal muito complexa, também difícil de definir e principalmente trabalhar em sala de aula, a mesma não se considera preparada para falar sobre o assunto, sexualidade, alegando que não houve uma preparação pedagógica, e também a escola não oferece condições de usar recursos adequados e também a falta de apoio a integração dos pais, gestores e nem capacitações pedagógicas para melhor abordar em sala de aula, assuntos relacionados a essa temática.

### **3.3 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS**

A escola possui alunos que vivem em situações muito difíceis financeiramente, as maiores partes dos alunos onde fiz a pesquisa moram em bairros pobres, que não tem nem uma perspectiva de vida, pois as famílias são totalmente desestruturadas. Esses alunos não têm nenhum apoio familiar, são pessoas desinformadas do mundo. A própria escola não oferece condições para desenvolvermos um trabalho pedagógico favorável a todos, como também há alunos com grandes dificuldades de assimilação ou aprendizagem, nesta concepção é preciso que os professores repensem á prática de ensino para que em conjunto possam tratar de assuntos do interesse dos alunos e do ensino aprendizagem, não só ficar naquela de o que é isso, o que é aquilo, chega de decoreba, vamos trabalhar a realidade dos nossos alunos.

As questões fora para quinze alunos e todos se colocaram em um mesmo pensamento, mostrando que é muito difícil falar de educação sexual, é um assunto delicado e difícil de falar, pois na família, não se discute esses assuntos e, como educando em processo de formação fica a escola designada para discutir questões desta natureza. “Sexo”, “Sexualidade”.

Ambos os educandos responderam de forma direta sem interpretações mas, alegando que não tinha informações precisas e adequada, o pouco que sabve sobre educação sexual foi através de conversas com os colegas, revistas, filmes e o livro didático que mostra algumas coisas de sexualidade, pois somos tímidos ao falar do assunto na sala de aula ou na escola, pois parece que este assunto não faz parte currículo escolar, os professores não costumam falar disto nas aulas.

Pudemos observar que os educandos têm muita necessidade em discutir sobre sexualidade na escola, já que a família não discute. Portanto, a escola precisa torna - lá capaz de transformar o conhecimento dos nossos educandos com relação ao tema sexualidade, não apenas integrar-se ao programa de conteúdos, mas trazer questionamentos para os alunos refletirem sobre o assunto abordado.

### **3.4 ANÁLISE DOS DADOS DO GESTOR**

A gestora está no 2º período do curso de Letras pela UEPB, em regime especial. Está com três anos de administração escolar se prontificou a responder o questionário sem limitação: De forma objetiva expôs suas dificuldades em abordar o tema educação sexual na escola, comentou que teve uma educação por parte dos pais bem tradicional, pois quando falavam nesse assunto os pais mudava de conversa. Sente dificuldade em discutir, pois não se considera preparada, mas concorda plenamente em abordar o tema sexualidade para ser trabalhado na escola.

Reconhecemos que ultimamente os professores e a gestora precisa estar preparada para ensinar temas transversais na sala de aula, e fazer um trabalho que tenha a integração dos pais.

A escola precisa de pessoas preparadas e com conhecimento para abordar este tema na escola, é muito difícil lidar com a realidade dos alunos que não mede distância em busca dos prazeres sexuais. Já que não traz consigo orientação familiar, cabe a escola, obviamente o gestor e os educadores priorizarem como fator importante no processo do ensino e na aprendizagem.

A gestão escolar é a parte principal para que desenvolvemos no coletivo um trabalho metodológico de ensino e objetivos específicos ao tema educação sexuais. A escola é vista sistematicamente como instituição para formação de pessoas consciente, capazes de analisar, criticar e valorizar o ensino para sua formação e ampliação dos conhecimentos, na perspectivados avanços tecnológicos, a mídia está cada vez mais tornando como referência de exposição de assuntos, cenas demonstrando a sexualidade de forma deturpada. Neste sentido o gestor precisa fazer um trabalho organizado e vir a se preocupar em abordar questões relativas á sexualidade de forma educativa e responsável.

De acordo com o gestor, a dificuldade que encontramos em abordar a sexualidade na escola, são vários os fatores que refletem no tema educação sexual na escola, podemos citar; a falta de recursos, a participação dos pais e não esquecendo também a peça fundamental que é o professor que se encontra totalmente despreparada em abordar o tema. E a falta de cursos de capacitação, orientação, palestras que a secretaria de educação juntamente com os demais responsáveis do órgão promovesse aos professores para que eles pudessem discutir a abordagem da educação sexual na escola.

### **3.5 ANÁLISES DO ESTÁGIO**

O estágio sobre educação sexual foi importante para a escola com certeza ao educando que não trabalhava essa temática na escola.

Durante esse período houve uma integração de afetividade e aprendizagem, tudo se deu por meio da interatividade dos alunos e professor, onde se realizou com muita empolgação por parte dos alunos.

Ao trabalhar o tema Sexualidade pareceu uma novidade, com isso os alunos participaram com muita assiduidade, falar sobre sexualidade é muito difícil para o educador, pois a escola ainda precisa criar projetos para trabalhar com seus alunos. No entanto, é necessário que tenha uma preparação aos educandos e os educadores também, precisam capacitar-se para atender as expectativas de aprendizagem dos alunos que estão ingressando na escola para buscar conhecimentos e formação para a vida em sociedade.

De forma diferente, cabe a escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui de orientação sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas antes complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação.

É preciso que o professor crie situações em que o educador procure refletir sobre o tema, sem que receba tudo pronto. Os alunos vão aprendendo a selecionar e buscar informações nos meios de comunicações (revistas, na TV, musicas e etc.) mas, também, os instruir a elaborar conceitos e darem-lhe um significado pessoal e social aos conteúdos.

Portanto, é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre alunos e professor. Pra isso, o professor deve se mostrar disponível pra conversar a respeito das questões apresentadas com relação ao tema abordado. É importante integrar no currículo escolar a disciplina educação sexualidade para ver se ameniza as questões associadas a preconceitos, tabus, crenças ou valores singulares. Para que o trabalho de orientação sexual possa se afetiva de forma coerente com uma visão pluralista de sexualidade aqui proposta, é

necessário que as diferentes crenças e valores, as dúvidas e os questionamentos sobre os diversos aspectos á sexualidade encontrem espaço para se expressar.

## CONCLUSÃO

A oportunidade que o estágio proporcionou-me para realização dessa pesquisa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Mozart Rodrigues, foi de fundamental importância para minha vida profissional e cotidiana.

O objetivo de demonstrar a importância da sexualidade como instrumento no processo educativo foi atingido.

As dificuldades no início desse trabalho, foram vencidas ao longo do mesmo. Dificuldades como os tabus para se trabalhar a sexualidade, tema este até pouco tempo considerado proibido por algumas escolas. A sexualidade humana foi captada por meio das representações que os sujeitos fazem delas. As perguntas e os desenhos mostram como os alunos constroem essas representações.

Acreditamos que esse trabalho de orientação sexual, tenha contribuído com o esclarecimento sobre o tema, no sentido de que os educandos da referida escola possam ter uma visão positiva a respeito da sexualidade, desfrutando com naturalidade e segurança no que se refere à própria.

A educação sexual na escola é necessária por que os alunos, em todas as faixas etárias expressam sua sexualidade e conversam sobre relações sexuais. Todavia a maioria das informações que os discentes trocam entre si, é incompleta e muitas vezes errada e preconceituosa. Portanto, entende-se, se os jovens forem bem informados, iniciarão sua vida sexual com mais responsabilidade.

Em se tratando da escola pesquisada, a escola deve informar problematizar e debater os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade. A escola deve proporcionar atividades a discussões envolvendo temas como: Namoro, amizade, “ficar”, sexualidade e erotismo, relação entre pais e filhos, questões éticas e morais, casamento e constituição familiar, paternidade responsável, uso de drogas, violência e outros.

Discutir a sexualidade na escola é fundamental para que os educandos se sintam mais seguros e confiantes em suas vivências. Discutindo, pesquisando, analisando e debatendo na sala de aula, poderão ter melhor discernimento e escolher o que acharem melhor para suas vidas.

A abordagem da Educação ainda visto como tabu, para a prática de ensino e também a aprendizagens dos alunos. Foi muito boa a experiência realizada, apesar dos alunos não terem abertura para falar sobre o tema estes demonstram o interesse pelo assunto, assim como apresentam lacunas na compreensão, o que podemos observar pela oralidade e verbalização, nas atividades propostas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**CAMARGO**, Ana Maria Faccioli de e Ribeiro, Claudia. Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como um tema transversal. Moderna. Campinas. SP: Editora da Universidade de Campinas, 1999 – (Educação em pauta, temas transversais).

**COSTA**, Jurandir Freire (1989). Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro, Graal.

**ELIAS**, Norbert (1994). O processo civilizador: uma história dos costumes. Trad. Ruy Jungman; revisão e apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro. Zahar. V. 1.

**GUATITARI**, Félix (1993). As três ecologias. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt; revisão da tradução de Suely Rolnik. Campinas, Papirus.

**LOURO**, Guacira Lopes, Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós – estruturalista: Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

**MEDERO**, Fernando Barragan (1998). “Inteligencia y afectividad”. In: Cuadernos de Pedagogia. N. 271. Jul/ago.

**MEYER**, Dagmar Elisabeth Estermann, Educação e Saúde na Escola, Educação Básica, 2 Edição.

**SUPLICY**, Marta et all. Sexo se aprende na escola. Ed. Olho d’água. São Paulo. Dez / 2000.

## AGRADECIMENTO

A Deus, por ter me dado forças para superar as dificuldades encontradas ao longo desta caminhada. Aos meus Pais, Eurenides Maria de O. Paulino e José Paulino Sobrinho e meu namorado Luciano pelo carinho, amor e dedicação, mas principalmente a minha mãe, por toda força que tem me dado em todo esse percurso, me dando muito incentivo.

Às amigas Lidiane Lira e Claudia Nunes, pelo incentivo, força, amizade, carinho, e força durante todo o curso.